

A ESCOLA E AS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES PARA FORMAÇÃO DAS JUVENTUDES

Lívia Maria Leitão da Silva ¹
Carla Joyce Castro Sabino ²
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima ³
Bárbara Suellen Ferreira Rodrigues ⁴
Heloisa Beatriz Cordeiro Moreira ⁵

RESUMO

A sociedade traduz a juventude sob vários aspectos, podendo compreendê-la como uma etapa preparatória, experimental, de amadurecimento biológico, vivência presente ou um período essencialmente focado em construir um bom adulto em que todas as ações e planejamentos devem ser centrados no futuro, muitas vezes, invisibilizando os anseios e interesses atuais destes jovens. Independente da forma que é percebida, a juventude perpassa a escola e pode percebê-la com expectativas positivas quanto ao suporte para o autoconhecimento e autovalorização. Entretanto, nem sempre a escola apresenta oportunidades e ações pedagógicas para que possam exercer seu protagonismo. Este artigo tem o objetivo de trazer reflexões acerca das juventudes e as relações com a escola, os projetos de vida e analisar a eficácia de ações extracurriculares, em espaços não formais na Educação Profissional e Tecnológica, realizadas com alunos de 3ª série em uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) da região metropolitana no Ceará. A relevância do tema e a inspiração para o estudo, surgem das experiências vivenciadas pelas pesquisadoras com base em estudos na disciplina eletiva de Juventude, Trabalho e Escola, oferecido pelo curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). A pesquisa social é qualitativa, descritiva e exploratória através da observação participante. Nota-se que a visão exclusivista da escola no processo formativo e a compreensão das juventudes como uma fase de transitoriedade deve ser superada para que através de rodas de conversa, visitas técnicas, estágios curriculares, participação em projetos sociais, esportivos e culturais e com parcerias estabelecidas com espaços não formais contribuam para o aprendizado e possibilitem o desenvolvimento de habilidades que complementem o currículo escolar, preparando-os para os desafios atuais e da vida adulta.

Palavras-chave: Juventude; Educação Profissional; Atividade extracurricular; Escola.

¹ Autora: Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica-PROFEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em Educação (IFCE), livia.leitao83@aluno.ifce.edu.br;

² Coautora: Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica-PROFEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em Educação (IFCE), carla.joyce00@aluno.ifce.edu.br;

³ Co-orientadora: Doutora em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), patriciafeitosa@ifce.edu.br;

⁴ Co-orientadora: Doutora em Química, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia em Educação (IFCE), barbarasuellen@ifce.edu.br;

⁵ Orientadora: Doutora em Engenharia Civil, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), heloisa.beatriz@ifce.edu.br

INTRODUÇÃO

A sociedade explica a juventude sob vários aspectos. Dentre eles, é possível compreendê-la como uma etapa preparatória, de amadurecimento biológico, de vivência presente ou uma fase focada na construção de um bom adulto em que todas as ações e planejamentos estão centrados no futuro. Esta última interpretação muitas vezes invisibiliza os anseios e interesses atuais destes jovens.

A adolescência é um período marcado por intensas mudanças na vida dos jovens e consiste em uma fase de transição. G. Stanley Hall (1844-1924), considerado o pai da psicologia da adolescência, definiu-a como um “período de tempestade e tensão”.

Nesse período da vida que se apresenta entre a adolescência e a vida adulta marcado por um “vir-a-ser”, uma construção constante de significados e significações que evidenciam as culturas juvenis. Esse processo leva a uma diversidade de formas do “ser jovem”, expressas na pluralidade das juventudes (DAYRELL, 2005b, DAYRELL, 2003).

Importante destacar que não existe apenas uma juventude, mas uma pluralidade dela em diversos contextos sociais, por isso emprega-se cada vez mais o termo “juventudes”. Abramovay, Andrade e Esteves (2007), expõem que o uso do termo no plural é para tentar abranger todas as possibilidades, diversidades e especificidades dos jovens.

Algumas escolas desconsideram as culturas juvenis e apresentam estratégias pedagógicas que não condizem com os interesses, expectativas e anseios das juventudes. Desse modo, concebem as juventudes de forma singularizada representada apenas por uma etapa de preparação para a vida adulta e não como um período de vivenciar e explorar suas potencialidades nas dimensões sociais, cognitivas, afetivas, motoras e criativas.

Com as mudanças educacionais, sociais e sanitárias utilizadas como estratégias para prevenção e contenção da pandemia de covid-19, os jovens vivenciaram situações não esperadas e incomuns para o processo de desenvolvimento: o isolamento e distanciamento social, aproximação intensa com a família, medo da morte, presença do luto, maior vulnerabilidade a violência doméstica e sistema emergencial de ensino remoto. Soma-se isso, a estudar em uma escola que desconsidera todo esse contexto, as expectativas e a diversidade das juventudes, podendo trazer consequências negativas para a vida.

Nesse sentido, considerando a adolescência também como um período da vida humana marcado por um status ambíguo entre a infância e a idade adulta, é uma fase de muitas incertezas. Muitos jovens ficam indecisos, inseguros na sua inserção no mercado de trabalho,

na escolha do curso superior, e por muitas vezes se encontram sem saber que rumo tomar após o término dos estudos no ensino médio.

Muitos adolescentes chegam na escola e não têm um projeto de vida. Demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida, em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino.

Este artigo tem o objetivo de trazer reflexões acerca das juventudes e as relações com a escola, os projetos de vida e analisar a eficácia de ações extracurriculares, em espaços não formais na Educação Profissional e Tecnológica, realizadas com alunos de 3ª série em uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) da região metropolitana no Ceará. A relevância do tema e a inspiração para o estudo, surgem das experiências vivenciadas pelas pesquisadoras com base em estudos na disciplina eletiva de Juventude, Trabalho e Escola, oferecido pelo curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

REFERENCIAL TEÓRICO

Juventudes, escolha profissional e projeto de vida

Neste estudo, a juventude será compreendida em sua pluralidade, diversidade de perfis, características sociais, culturais e econômicas, ou seja, como um processo histórico-ontológico-cultural com importância em si mesmo e não apenas como preparação para a vida adulta, conforme os pensamentos de Freitas (2005).

Dayrell (2003) apresenta a noção de transitoriedade como uma das imagens que a sociedade constrói a respeito da adolescência apresentando uma tendência de encarar a juventude em sua negatividade, no que ainda não chegou a ser (adulto), no que não é mais (criança), desconsiderando sua função social. Nesse panorama, é na adolescência que os indivíduos dão maior relevância e visibilidade para a escolha profissional.

Neste cenário, a relação com o social é um vetor de tensão para as juventudes que utilizam o modo de ser juvenil para sobreviver às tensões existenciais entre o direcionamento da sociedade, expectativas em relação ao mercado de trabalho, às normas sociais, ao papel de futuro adulto e suas próprias expectativas e identidades. É necessário expor que as influências

do mercado de trabalho e das relações laborais influenciam a juventude a seguir tendências e reproduzir discursos relativos à profissionalização no mercado capitalista.

A escola é outro fator que influencia no processo de escolha profissional do jovem. Para Silva e Treichel (2006), na fase escolar a pessoa concretiza seus pensamentos e suas observações, adquire prática nas suas ações, o que faz avançar e determina muitos pontos do perfil, tanto biológico quanto psicológico.

Acrescenta-se a essa situação, jovens que necessitam iniciar uma rotina laboral precoce para ajudar no sustento familiar. Dessa forma, a escola fica em segundo plano, perde o sentido e registra-se como mais uma experiência de insucesso aumentando o abandono escolar. Exemplificando tais experiências negativas, 43,7% de 245 jovens pesquisados no Pará por Leão, Dayrell e Reis (2011) já tinham sido reprovados pelo menos uma vez e 27,3% abandonaram a escola.

O projeto de vida ajuda a suprir uma necessidade básica dos seres humanos: viver uma vida que faça sentido, porém não é uma necessidade ou uma obrigação, mas pode ajudar, e muito, a organizar sua vida de modo que o futuro não o assuste e que você possa conquistar aquilo que almeja (HANNA, SILVA, 2020).

Desse modo, o projeto de vida desses jovens não deve ser apenas limitado a escolha profissional. Portanto, é preciso suporte escolar para esses estudantes com relação ao mundo do trabalho, pois envolve grandes responsabilidades, autonomia e resiliência.

As Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEPs) e suas contribuições para a escolha profissional dos jovens

A educação profissional tem sido colocada como uma articulação estratégica para a formação integral dos estudantes através de uma série de ações baseadas em propostas desenvolvimentistas e expansionistas da educação aliadas à formação de base comum e para o mercado de trabalho (FRIGOTTO, 2002).

No Estado do Ceará, as EEEP's estão, enquanto política educacional, vinculadas diretamente nos discursos e intenções políticas de Governo de maneira que inserida no plano de formação integral, como política educacional, passam a mediar os discursos de formação de base humanística e de preparação para o mundo do trabalho conforme exigência do mercado (SAVIANI, 2005).

Estas escolas como uma política pública, assumem a função social de contribuir para a construção de uma sociedade menos desigual e mais solidária. A escola precisa auxiliar os

jovens nesse processo de elaboração dos seus projetos de vida de forma consciente e significativa, considerando seus conhecimentos e valores, ou seja, permitindo e apoiando as decisões conscientes e não submissas ao contexto social, familiar ou da própria escola. Ainda, preconizar um projeto democrático e popular comprometido com a emancipação dos setores excluídos da sociedade, buscando superar o preconceito de classe e a submissão da educação à lógica do capital, propondo, de maneira contra hegemônica, que a educação esteja ligada ao mundo do trabalho numa perspectiva democrática e de justiça social (PACHECO; PACHECO, 2015; CARRANO, 2010).

O processo educacional, visando uma educação transformadora e integral, envolve formas diversas de aprendizado e desenvolvimento, sendo importante explorar o máximo de cenários possíveis e deve ir além do espaço delimitado pelos muros escolares e salas de aula. Tal processo pode ser complementado através da educação não formal.

A reforma do ensino médio traz na sua essência este propósito quando institui a criação dos itinerários formativos, embora em formatos diferentes dentre as modalidades de escolas de ensino médio existentes. Desse modo, as EEEPs do Ceará desenvolvem um currículo direcionado para a formação de bases comum e técnica de forma integradas onde os jovens são preparados para atender também ao mercado.

A construção de conhecimento por parte dos estudantes deve ocorrer de forma ativa e inovadora conforme propõe a nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Assim como os conceitos de comportamento, competências, habilidade e desenvolvimentos devem estar contidos nas relações com o mundo, nas novas possibilidades de interpretar, formular, testar, refutar as hipóteses e elaborar conclusões.

Para atingir este objetivo o uso de práticas não formais, tais como, atividades de extensão, roda de conversa, visita técnica, projeto social, estágio curricular, fazem com que estas competências sejam desenvolvidas e complementem a educação desenvolvida nos espaços formais. Desse modo, a busca por espaços dinâmicos promove intercâmbios de saberes com a participação coletiva e qualificada dos estudantes em processos de discussão do mundo do trabalho permitindo que os alunos se expressem e aprendam em conjunto.

METODOLOGIA

O estudo apresenta caráter social com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória através da observação participante. A dinâmica de observação foi composta pela participação em aulas da base técnica curricular, rodas de conversas, estágios, eventos com os estudantes.



Participaram da pesquisa 96 estudantes do 3º ano do ensino médio de uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) da região metropolitana no Ceará.

A análise dos dados ocorreu através da correlação qualitativa e descritiva entre as observações na aula, as experiências das pesquisadoras e os estudos na disciplina eletiva de Juventude, Trabalho e Escola, oferecido pelo curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na busca por atender as exigências do mercado de trabalho em consonância ao projeto de vida solitário dos jovens, foram utilizadas ferramentas como o estágio, a feira das profissões e rodas de conversa como estratégias para amenizar a ansiedade visualizadas nos estudantes nesse período e para vislumbrar novas possibilidades diante de descoberto ao contato com o mundo do trabalho.

Os resultados serão apresentados e discutidos de modo sequencial conforme observação realizada a cada ação extracurricular com os jovens participantes.

Em um levantamento realizado pela escola lócus da pesquisa, em uma das aulas da base técnica que reuniu alunos da 3ª série, foi possível identificar que dos 96 estudantes presentes, 42,7% ainda não tinha decidido qual carreira queria seguir. Outra pesquisa com os alunos que ingressam na escola na 1ª série, 30% não escolheu a profissão. Esta dúvida ainda permanece quando na 2ª série e persiste na 3ª série ou até mesmo tende de aumentar como visualizado anteriormente.

Estes índices vêm corroborar que é necessário buscar estratégias através de metodologias de orientação em atividades de extensão como alternativas e complementação para assim a ideia de culpabilização do estudante nos conflitos surgidos nesse contexto, quer estes se referissem a dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, a problemas comportamentais ou a problemáticas relacionadas ao desenvolvimento da carreira, sem considerar as dimensões socioculturais e históricas neles implicadas.

Nesse sentido, considerando a adolescência um período da vida humana pela ambiguidade e incertezas. Muitos jovens ficam indecisos e inseguros quanto a sua inserção no mercado de trabalho, na escolha do curso superior, e, por muitas vezes, se encontram sem saber que rumo tomar após o término dos estudos no ensino médio.



Ações extracurriculares implantadas na escola devem contribuir com a educação, o desenvolvimento dos estudantes e para amenizar as angústias que este período tende a promover nos jovens diante de nova vivências que é o mercado de trabalho.

O processo educacional de um ser humano envolve múltiplas maneiras de aprendizado e desenvolvimento, sendo importante explorar o máximo de cenários possíveis. Considerando uma educação transformadora e integral, deve ir além do espaço delimitado pelos muros escolares e salas de aula, a educação não formal é um exemplo e complementa o sistema formal de ensino.

Em relação a inserção dos jovens no mundo do trabalho podemos citar as contribuições de Frigotto (2011), Pochmann (2001) e Sposito (2008), salientando a relevância e atualidade da temática. Além disso, considerando, também, o trabalho e a sua centralidade enquanto categoria estruturante da subjetividade (ANTUNES, 2000), pontua-se a importância que a inserção na vida produtiva exerce para a construção de novos projetos de vida para a juventude.

Capacitar os estudantes para que desenvolvam competências técnicas, habilidades e valores com um olhar para uma determinada profissão, permitindo que observem aplicações práticas nos conhecimentos adquiridos no Ensino Médio para a futura profissão e para a vida. E as lacunas deixadas em alguma fase na trajetória da educação seja amenizada ou suprimida com ações direcionadas para o foco da escolha profissional.

Considerando uma educação transformadora onde deve ultrapassar os muros da escola, e analisando uma etapa no currículo pertencente as escolas profissionais de educação profissional, exista uma disciplina obrigatória que é o estágio, nele é possível ver claramente o quanto de aprendizado é conquistado pelos jovens. Isso ocorre também devido ao contato com as empresas, confrontando a teoria com a prática oportunizando a criação de habilidades, superação de obstáculos vencidos em prol da conclusão do ensino médio técnico e até mesmo uma colocação no mercado de trabalho.

Em observação aos estudantes em processo de estágio, nas suas falas é comum entre eles que o papel da escola é formar cidadãos para fazerem avaliações externas, ingressarem nas universidades e mercado de trabalho. Embora a escola preocupe-se em preparar a mão-de-obra para o mercado imediato, que deseja um colaborador com características específicas de acordo com a necessidade empresarial. Também a escola sem dúvida é o princípio básico de formação do cidadão, porém muito contribui quando a escola também oportuniza o contato com profissionais inseridos no mercado de trabalho através de um diálogo de escuta e orientações.

Os projetos sociais como requisito obrigatório para conclusão do ensino médio técnico, que são desenvolvidos pelos alunos de 3ª série, além de promover um desenvolvimento do sujeito através da pedagogia social em campos de conhecimento e de ação profissional, apresentam interdisciplinaridade com o conhecimento adquirido nas disciplinas obrigatórias em sala de aula, trazendo benefícios para a comunidade local, quando do levantamento de necessidades e contribuições com as ações.

Exemplo desses projetos, foi o dia da beleza promovida pelos alunos em uma casa de apoio para idosos do município, ofertando tratamentos como fazer sobrancelhas, maquiagem, esmaltação, proporcionando às participantes mais vigor e melhora da autoestima. Como mesmo relatado pelas idosas: “esse momento fez reviver”, “a oportunidade é valiosa”, “quero ficar bonita”. E para os alunos a socialização, oportunizar um momento de felicidade para idosas, muitas foram abandonadas pela família, e assim, ouvirem depoimentos tão gratificantes, são conhecimentos adquiridos que os espaços dentro da escola não conseguem promover.

Outro exemplo são as rodas de conversas, palestras com profissionais inseridos no mercado de trabalho, visitação de salas temáticas em programação de eventos, como acontece na Feira das Profissões promovida pela escola onde através dos encontros foi possível observar e analisar os anseios dos jovens participantes, conforme descritos sequencialmente a seguir.

No primeiro encontro foi possível perceber que, apesar da timidez inicial, os adolescentes demonstraram estar conscientes da necessidade de que a carreira escolhida deve ser embasada no que gostam e vão satisfazê-los profissional e pessoalmente. Exemplifica-se através das seguintes falas dos jovens: “É melhor fazer o que ama, o que você ama, o que faz você se sentir bem” e “depende da pessoa, muitas vezes, pessoas optam por lucrar com o que fazem por causa dos altos salários”. Desse modo, destacam que as escolhas devem também incluir profissões que são mais valorizadas na sociedade, conseqüentemente, mais remuneradas.

No segundo encontro através de falas como “Temos que estudar para ter sucesso na profissão, se fosse fácil todo mundo teria sucesso. Quando você tem conhecimento, ninguém toma” fica evidente que compreendem a relevância dos estudos e do autoconhecimento para escolher a profissão.

As informações sobre as profissões somadas ao autoconhecimento auxiliam as juventudes a reconhecer suas subjetividades, edificar suas identidades e relevância como sujeito histórico e social em transformação compreendendo e possibilitando sua permissividade de movimentos e mudanças nas escolhas durante o processo de orientação profissional (BOCK, 2002).



No terceiro encontro foi percebido que os jovens estavam com muitas dúvidas e confusos quanto aos detalhes e aspectos mais específicos que permeiam a área de atuação profissional. Desse modo, foi realizado um sorteio dentre as profissões citadas pelos participantes com a finalidade de destacá-las no quarto encontro, Feira das Profissões.

Nas rodas de conversas realizadas, os jovens fizeram as mais diversos detalhes sobre seus projetos de vida. Em geral, pode-se dizer que foram formulados em torno de expectativas escolares articuladas com o mundo do trabalho, mencionando uma profissão desejada. Nesse sentido, reforçam a centralidade da escola e do trabalho na constituição de uma determinada condição juvenil.

Grande parte dos jovens expressou seus projetos de forma mais geral, sem mencionar os meios e estratégias necessários para realizá-los. Eles geralmente expressavam seu anseio de terminar o ensino médio e seguir uma trilha de ensino superior que lhes permitisse seguir uma carreira em termos que soavam mais como um sonho do que um objetivo declarado.

Essa dimensão do sonho fica ainda mais evidente na escolha de qual curso seguir, que para muitos permanece questionável. Em muitos casos houve falta de reflexão sobre o anseio e potencial pessoal, mas também um certo desconhecimento das profissões escolhidas. Pode-se dizer que grande parte dos participantes demonstrou a ausência de uma análise sistemática de suas perspectivas futuras antes do início da roda de conversa, ao mesmo tempo em que demonstraram muitas dúvidas sobre os cursos desejados, bem como sobre a realidade do mundo do trabalho local. Parecia haver uma atitude em relação ao futuro que, dada a indeterminação e incerteza do ambiente transformou o projeto em um sonho como abordamos na discussão anterior. Outro desejo expresso por alguns jovens foi a conquista da estabilidade econômica e o desejo de um futuro melhor, para alguns que convivem com marcas familiares dolorosas é a oportunidade de reescrever sua história.

No quarto encontro, a Feira das Profissões ocorreu em dois dias consecutivos sob a forma de um produto educacional com debates e diálogos com profissionais do mercado de trabalho das profissões definidas no terceiro encontro, mesa redonda online, *stands* de exposição para área da saúde, segurança pública, *design*, oceanografia, tecnologia da informação ilustrando a importância e curiosidades da profissão, salas temáticas destinadas para as práticas dos cursos técnicos oferecidos pela escola e conferência presencial com o tema: Como fazer uma escolha profissional diante de tantas possibilidades. Este evento, apesar do foco estar centrado nos participantes dos 3 anos e demais estudantes da escola, foi aberto para visitação de toda a comunidade escolar e local.



Segundo Barcelos, Jacobucci e Jacobucci (2010), eventos como as feiras proporcionam à comunidade escolar e são ótimos espaços para desenvolvimento de projetos, possibilitando ao professor construir um novo olhar sobre o seu aluno, o seu rendimento na escola, sobre o seu próprio trabalho, além de mobilizar vários membros da comunidade escolar e do seu entorno.

Silva (2012), reforça a importância da roda de conversa que tem como objetivo um aprendizado mútuo com a troca de experiências. É sempre compartilhar um fato, seja ele bom ou ruim, uma inquietude ou uma satisfação, uma dúvida ou afirmação, descoberta ou indignação, decisão ou uma solução, ou seja, independente de qual for o motivo, ela sempre levará à aprendizagem pela troca e reconstrução de conceitos dos participantes, para que juntos possam evoluir em pensamento, em ação, em reflexão e na compreensão do mundo e da realidade.

Esse processo de recriar, inventar, seres da práxis abordada por Freire, nos faz refletir que estamos sempre diante do processo educativo em diversos ambientes formais e não-formais, buscando a sustentabilidade profissional onde a globalização norteia a atuação do mercado e a necessidade de estarmos prontos para atender e superar as expectativas nele impostas.

A educação não para e as diversas conexões nos mais tipos de ambientes, formais, não-formais, formam cidadãos integrais sem perder de vista que estamos formando e fomos formados para atender o mercado dentro da sociedade capitalista que fazemos parte e não podemos parar de aprender, até porque o maior aprendizado temos com a escola que te ensina mesmo que você não queira aprender com os fracassos, sucessos, conquistas diante da trajetória, chamada vida. É necessário superar a visão que aponta a escola como o principal palco de formação do indivíduo e um lugar exclusivo de ensino.

As ações acima mencionadas, vão ao encontro a proposta do novo ensino médio quando sugere novas possibilidades de formação e diferentes caminhos para a multiplicidade de interesses dos jovens, de acordo com a Lei nº 13.415/2017, é preciso trabalhar o projeto de vida e a relação entre a educação básica e a educação profissional com mais ênfase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que a visão exclusivista da escola no processo formativo e a compreensão das juventudes como uma fase de transitoriedade deve ser superada para que através de rodas de conversa, visitas técnicas, estágios curriculares, participação em projetos sociais, esportivos e

culturais e com parcerias estabelecidas com espaços não formais contribuam para o aprendizado e possibilitem o desenvolvimento de habilidades que complementem o currículo escolar, preparando-os para os desafios atuais e da vida adulta.

A educação não deve ser estagnada e as diversas conexões nos mais diversos ambientes, formais e não-formais, formam cidadãos integrais sem perder de vista que estamos formando e fomos formados para atender o mercado dentro da sociedade capitalista que fazemos parte e não podemos parar de aprender, até porque o maior aprendizado temos com a escola que te ensina mesmo que você não queira aprender com os fracassos, sucessos, conquistas diante da trajetória, chamada vida.

É necessário superar a visão que aponta a escola como o principal palco de formação do indivíduo e um lugar exclusivo de ensino.

Concluimos que as atividades exercidas nos espaços não formais, contribuem para o aprendizado dos jovens adolescentes frequentadores, sejam participando dos projetos sociais ou desenvolvendo seus trabalhos por meio de oficinas culturais, esportivas e profissionalizantes, aprendendo uma profissão, possibilitando o desenvolvimento de suas habilidades que complementam o currículo escolar, preparando-os para os desafios da vida adulta.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007. Disponível em: http://forumeja.org.br/files/Vol%2027_ed%201_Juventudes.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022.

ARNETT, J. J. (2006). G. *Stanley Hall's adolescence: Brilliance and Nonsense. History of Psychology*, 9(3), 186-197.

ALMEIDA, M.E.G.G; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/VbGsdYdh6fC xv7WpkX3S9Lr/?lang=pt>. Acesso 10 jul 2021.

ANTUNES, R. L. C. Adeus ao Trabalho? : Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7a. ed. ampl. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

_____. (2002). A escolha profissional: do jovem ao adulto São Paulo: Summus.

Silva, J. J. (2006). O papel da família na escolha profissional São Caetano do Sul: Yendis.



BARCELOS, Nora Ney Santos; JACOBUCCI, Giuliano Buzá; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Quando o cotidiano pede espaço na escola, o projeto da feira de ciências “vida em sociedade” se concretiza. *Ciência & Educação*, v. 16, n. 1, p. 215-233, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Regra Geral.

BOCK, Silvio Duarte. *Orientação Profissional: abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2002.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. O ensino médio na transição da juventude para a vida adulta. In Org. FERREIRA, Cristina Araripe; PERES, Simone Ouvinha, BRAGA, Cristiane Nogueira, CARDOSO, Maria Lúcia de Macedo. *Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio*. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010. p 143 -167

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: (Org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2022.

DANZA, Hanna Cebel *Projeto de vida: Construindo o futuro*, volume único / Hanna Cebel Danza, Marco Antonio Morgado da Silva. — 1. ed. — São Paulo: Ática, 2020.

FRIGOTTO, G. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do Século xx. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 16, n. 46, p.235-273, jan./abr. 2011.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez T.; REIS, Juliana B. dos. Juventude, projeto de vida e ensino médio. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out./dez. 2011.

Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Brasília, DF, 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em 30 mai. 2022.

SAVIANI, D. *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2006.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. *Escola da Ponte: uma escola pública em debate*. S. Paulo: Cortez, 2015.

SILVA, Adriana (2012) *A Roda de Conversa e sua importância na sala de aula*

SILVA E TREICHEL (2006), na fase escolar a pessoa concretiza seus pensamentos e suas observações, adquire prática nas suas ações, o que faz avançar e determina muitos pontos do perfil, tanto biológico quanto psicológico.